

---

## A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020)<sup>1</sup>

Ana Carolina Vimieiro<sup>2</sup>  
Flaviane Rodrigues Eugênio<sup>3</sup>  
Olívia Pilar<sup>4</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais

### Resumo

Este artigo analisa, através da estratégia da meta-pesquisa, a produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil nas duas primeiras décadas do século XXI. Como métodos específicos de análise, utilizamos a *science mapping analysis*, ramo da bibliometria que se ocupa de analisar topologicamente e temporalmente as estruturas cognitivas e estruturais de um campo de pesquisa particular; e a análise de conteúdo quanti-qualitativa, através da codificação manual de categorias derivadas dos interesses específicos dessa pesquisa. Nosso foco foram as publicações em periódicos e os resultados são apresentados em três eixos: autores, periódicos e temas predominantes. Um dos principais achados da análise são as lacunas: são muito raros os estudos que façam reflexões epistemológicas e foquem nos temas da interseccionalidade e violência.

**Palavras-chave:** gênero e esporte; meta-pesquisa; interseccionalidade; esporte e violência de gênero; epistemologias feministas.

### Introdução

As relações entre esporte e gênero têm sido pesquisadas no Brasil desde o fim dos anos 1980, ganhando maior expressão a partir da década de 1990 e se institucionalizando de forma mais concreta a partir dos anos 2000, com a consolidação de projetos de pesquisa vinculados a Programas de Pós-Graduação, publicação de livros, teses e dissertações (Devide et al, 2011). Grande parte dessa produção está vinculada à área da Educação Física (EF). Nessa literatura, temos o predomínio na década de 1980 dos temas da EF escolar, particularmente os estereótipos e papéis sexuais, e a distribuição dos alunos nas aulas de EF mistas e separadas por sexo (Júnior, 2003). Nos anos 1990 e primeira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFMG, e-mail: [anacarolsco@gmail.com](mailto:anacarolsco@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Letras Português Inglês e suas Literaturas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFMG, e-mail: [flavianerodrigues.e@gmail.com](mailto:flavianerodrigues.e@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestre e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da UFMG, e-mail: [oliviapilarsouza@gmail.com](mailto:oliviapilarsouza@gmail.com). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

---

década dos anos 2000, os temas predominantes são: gênero e metodologias de ensino na EF escolar; mecanismos de inclusão, exclusão e auto-exclusão na EF escolar; história das mulheres no esporte; representações sociais de gênero na mídia esportiva; mulheres em posições de comando no esporte; esporte e identidades de gênero (masculinidades e feminilidades); e a construção sócio-histórica dos estereótipos relacionados às práticas corporais (Devide et al, 2011).

Em termos conceituais, em mapeamento dos anos 1980 e 1990, Júnior (2003) aponta o predomínio de duas correntes: marxista e culturalista. A primeira interessada nas desigualdades sociais, principalmente as opressões de classe entre homens e mulheres, e nas hierarquias de dominação-submissão. A segunda mais focada nas múltiplas identidades. A partir dos anos 2000, afirmam Devide e colegas (2011), ganha espaço perspectivas pós-estruturalistas. Teóricas como Joan Scott, Judith Butler e Guacira Louro são três das mais utilizadas na literatura da EF que investiga as relações entre esporte e gênero. Para Devide e colegas (2011), essa corrente tem como intuito questionar “o caráter heterossexual do conceito de gênero, possibilitando o reconhecimento de uma masculinidade e feminilidade ‘plurais’, contestando a noção de identidades hegemônicas” (p. 95).

Internacionalmente, Birrell (2000) afirma que os estudos nessa área se iniciam por volta da década de 1970 e tinham, até o momento de escrita do seu trabalho, três estágios: 1) um primeiro, de meados da década de 1970, que se caracteriza por pesquisas ateóricas em que se buscam documentar as desigualdades e reivindicar uma expansão das oportunidades às mulheres; 2) uma segunda, que busca inspiração teórica no feminismo e que começa por volta de 1978, quando dois livros importantes são publicados, *Women in Sport: From Myth to Reality* (organizado por Carole Oglesby) e *Sport and Gender: a Feminist Perspective on the Sociology of Sport* (de Ann Hall), e que demarcam essa virada em busca de sustentação teórica; 3) a última, que se inicia na década de 1980, e que é fortemente influenciada por sensibilidades pós-modernas. Diferentemente do Brasil, há no âmbito internacional uma ligação mais forte com a sociologia e os estudos culturais, particularmente os estudos culturais feministas, desde o início dessa trajetória.

Este artigo busca atualizar esses mapeamentos feitos anteriormente por outros pesquisadores, particularmente, no cenário brasileiro, através de uma análise sistemática da literatura publicada no país entre 2000 e 2020. Focamos nos periódicos, sem nos

---

concentrarmos em áreas específicas, como é o caso do trabalho de Devede e colegas (2011), cujo interesse é especificamente na EF. Nosso intuito é identificar os desenvolvimentos dessa subárea, que se dedica a investigar as relações entre gênero e esporte, e também as lacunas persistentes. Sentimos a necessidade de lançarmos mão da estratégia da meta-pesquisa por percebermos uma certa fragmentação e dispersão dos estudos, o que nos parece ligado ao caráter interdisciplinar da própria subárea.

A seguir, descrevemos brevemente nossa metodologia. Na seção seguinte, apresentamos os resultados de nossa análise e uma breve discussão dos nossos achados. A apresentação dos dados e análise é organizada em três eixos: autores, periódicos e temas dos artigos que mais contribuíram para o campo nos últimos 20 anos. Percebemos que os principais autores dessa subárea são da EF e os periódicos com mais impacto têm perfil interdisciplinar. Os principais tópicos de pesquisa são: representação e estereótipos; trajetórias/empecilhos no esporte; mídia esportiva; educação escolar; e corporalidades. As principais lacunas são: reflexões epistemológicas, interseccionalidades e violência. Concluimos que apesar da mídia esportiva ser um dos principais tópicos de pesquisa, são poucos os pesquisadores da Comunicação atuando nessa subárea. A Comunicação também tem potencial para contribuir para as lacunas identificadas nesse estudo.

## **Metodologia**

Este estudo se baseia numa coleta de artigos de periódicos, feita através da plataforma Dimensions, usando um conjunto de palavras-chave<sup>5</sup> nos títulos e resumos cujo intuito era mapear trabalhos sobre esporte e gênero ao longo das duas primeiras décadas do século XXI. Numa primeira busca, a plataforma retornou 1.119 ocorrências, sendo que muitos desses trabalhos eram da medicina, fisiologia e outras áreas biológicas, não se constituindo em estudos que efetivamente pensam gênero como uma categoria construída socialmente.

Para selecionarmos estudos que fossem adequados aos nossos interesses, fizemos uma filtragem por periódico, incluindo 23 periódicos entre aqueles retornados na primeira busca, tendo dois parâmetros para seleção: não ser um periódico da área da medicina e

---

<sup>5</sup> Foram usados os seguintes parâmetros na busca, feita no dia 04 de janeiro de 2020: (esporte OR futebol OR vôlei OR basquete OR futsal OR natação OR esportivo OR esportiva OR jogadora OR torcedora) AND (gênero OR mulher OR mulheres OR homem OR homens OR feminino OR feminina OR feminilidade OR masculino OR masculina OR masculinidade).

fisiologia e o periódico possuir no mínimo cinco publicações sobre o assunto. Ao adicionarmos esses mecanismos de filtragem, chegamos a um total de 379 artigos, que depois de um novo processo de filtragem para a remoção de duplicidades, resultaram em 372 artigos. Esse conjunto foi, então, analisado, através da leitura de todos os títulos e resumos, para a seleção de trabalhos cujo foco principal de análise era a questão de gênero. Ao final, nessa última etapa de filtragem, ficamos com 188 artigos que foram então analisados numa primeira etapa através do software Biblioshiny.

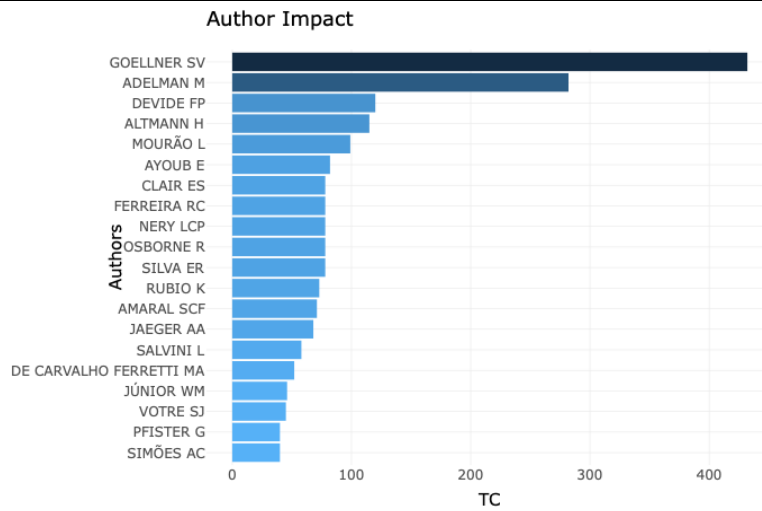
O Biblioshiny é um aplicativo de análise bibliométrica que trabalha a partir de conjuntos de dados exportados em diversas plataformas. A única plataforma compatível com o Biblioshiny que trabalha com artigos em português e publicados em revistas brasileiras é a Dimensions, por isso a utilização desta nesta pesquisa. A partir do Biblioshiny, geramos um conjunto de gráficos em que é possível visualizarmos os autores, periódicos e artigos com mais impacto nesta área. Parte de nossa análise está ancorada nos gráficos gerados pelo Biblioshiny.

Para além dessa estratégia, também adotamos uma análise de conteúdo em que investigamos os tópicos principais dos 188 artigos e as modalidades que são foco de análise desses trabalhos. A partir dessa análise manual, identificamos temas explorados extensamente nessa literatura, assim como lacunas significativas. Começamos a apresentação dos resultados pela análise dos autores com mais impacto nesta área.

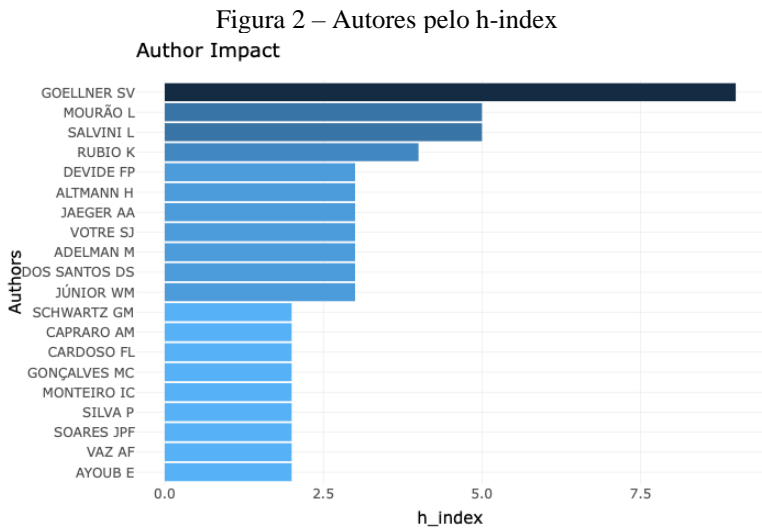
### **Principais autores**

O Biblioshiny nos permite gerar gráficos para visualizarmos os autores com maior impacto em nosso conjunto de dados a partir de diferentes parâmetros. O primeiro deles (Figura 1) apresenta os autores com mais impacto de acordo com o número de citações nesse conjunto de 188 textos. O segundo (Figura 2) organiza os autores pelo h-index, que quantifica a produção científica a partir da quantidade de artigos de um autor e o número de citações que esses artigos possuem. Por exemplo, h-index =13, indica que o autor tem 13 artigos mais citados e eles tiverem pelo menos 13 citações cada um. Já o terceiro gráfico (Figura 3) dispõe os autores com mais produção ao longo dos anos.

Figura 1 – Autores com mais impacto de acordo com citações

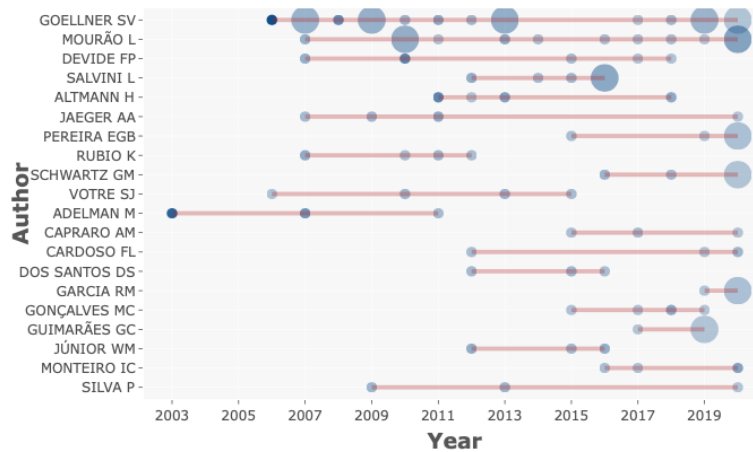


Fonte: Gerado pelo Biblioshiny a partir de pesquisa das autoras



Fonte: Gerado pelo Biblioshiny a partir de pesquisa das autoras

**Figura 3 – Autores com mais produção ao longo dos anos**  
**Top-Authors' Production over the T**



Fonte: Gerado pelo Biblioshiny a partir de pesquisa das autoras

---

Com base nos dados apresentados nos gráficos acima, e em informações disponibilizadas na plataforma Lattes sobre as áreas de formação, universidades a qual se vinculam e atuação profissional, passamos a uma breve análise do perfil dos principais autores da área. Iremos começar pelos autores que aparecem em mais de uma categoria, como é o caso de Silvana Vilodre Goellner, autora com maior número de citações, e também maior quantificação no h-index, assim como com mais produções ao longo dos anos.

Goellner é formada em Educação Física (Universidade Federal de Santa Maria), mestre em Ciências do Movimento Humano (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), doutora em Educação (Universidade de Campinas) e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto. Atualmente, é professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E coordenou grupos de trabalho sobre Esporte, foi editora da Revista Brasileira de Ciências do Esporte e da Revista Movimento, além de Co-curadora do Museu do Futebol.

Ludmila Mourão é a segunda autora mais relevante pelo h-index e pela produção acadêmica ao longo dos anos. Pelo número de citações, ocupa a quinta posição. A pesquisadora é doutora em Educação Física, e pós-doutora pela Universidade do Porto e atua na Universidade Federal de Juiz de Fora. Mourão é autora de livros, capítulos de livros e artigos nas temáticas Mulheres no Esporte, Gênero nas Atividades Físico-desportivas e Educação Física Escolar.

Fabiano Pries Divide aparece como o terceiro autor com mais impacto, tanto pelo número de citações, quanto pelas publicações ao longo dos anos, já o h-index o indica como o quinto autor mais relevante. O pesquisador, que também é formado em Educação Física (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro), é mestre e doutor em Educação Física e Cultura pela Universidade Gama Filho e atua na Universidade Federal Fluminense. Escreveu os seguintes livros: “Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos”, “História das Mulheres na Natação Feminina no século XX: das adequações às resistências sociais” e “Estudos de Gênero na Educação Física e no Esporte”.

Helena Altmann é a quarta pesquisadora mais relevante pelo número de citações e a quinta autora com mais produção acadêmica ao longo dos anos. Pela quantificação do h-index, a autora não aparece entre os cinco primeiros. Altmann é graduada em Educação

---

Física (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), mestre em Educação (Universidade Federal de Minas Gerais) e doutora em Educação (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Atualmente é professora da Universidade Federal de Campinas. Sua experiência profissional é na área da educação, educação física e esporte, atuando especificamente em gênero e sexualidade.

Leila Salvini é a terceira autora mais relevante de acordo com o h-index e a quarta pelo número de citações ao longo dos anos. Pelo total de citações, não aparece entre os primeiros. É graduada em Educação Física (UNIOESTE), mestre e doutora em Educação Física (Universidade Federal do Paraná) e não está vinculada a nenhuma universidade. Suas pesquisas são desenvolvidas juntamente à empresa Catavento - Gestão e Produção Cultural. Os seus estudos são voltados para temáticas que abordam a sociologia do esporte, mulheres atletas, futebol feminino e artes marciais mistas (MMA).

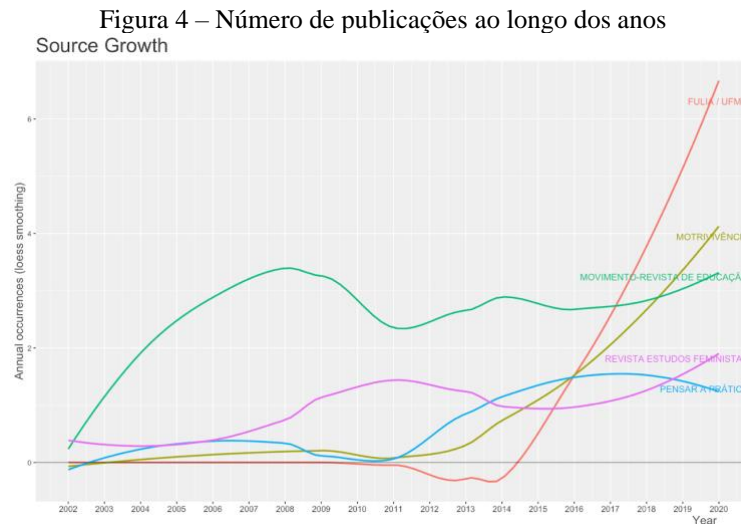
Katia Rubio aparece entre os cinco primeiros autores mais relevantes em somente uma das categorias, que é o h-index, nos demais conjuntos de relevância não está entre os cinco primeiros. Ela é bacharel em Jornalismo (Cásper Líbero), graduada em Psicologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), mestre em Educação Física (Universidade de São Paulo) e doutora em Educação (USP). É professora da Universidade de São Paulo e editora da *Olimpianos - Revista de Estudos Olímpicos*. Também pesquisa no Instituto de Estudos Avançados da USP e é membro da Academia Olímpica Brasileira e colunista do Caderno de Esporte do jornal Folha de São Paulo.

Como podemos perceber, a maioria dos autores mais influentes da área de gênero e esporte no Brasil possuem formação em Educação Física/ Educação. A lista também evidencia que há somente um homem como autor relevante desse conjunto de artigos analisados. Além disso, são pesquisadores vinculados a universidades brasileiras renomadas, com exceção de Salvini, que pesquisa na empresa Catavento.

### **Principais periódicos**

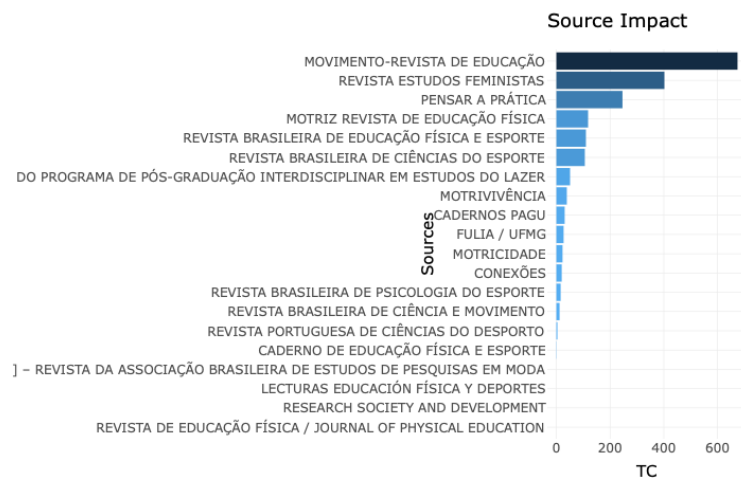
O Biblioshiny também permite gerar gráficos para visualizarmos os periódicos com maior impacto em nosso conjunto de dados a partir de diferentes parâmetros. O primeiro deles (Figura 4) apresenta o número de publicações por periódico ao longo dos anos com foco naqueles com maior número total de publicações sobre o assunto. O

segundo (Figura 5) ranqueia as revistas pelo total de citações no conjunto de 188 artigos. O terceiro (Figura 6) hierarquiza pelo h-index dos dos periódicos.



Fonte: Gerado pelo Biblioshiny a partir de pesquisa das autoras

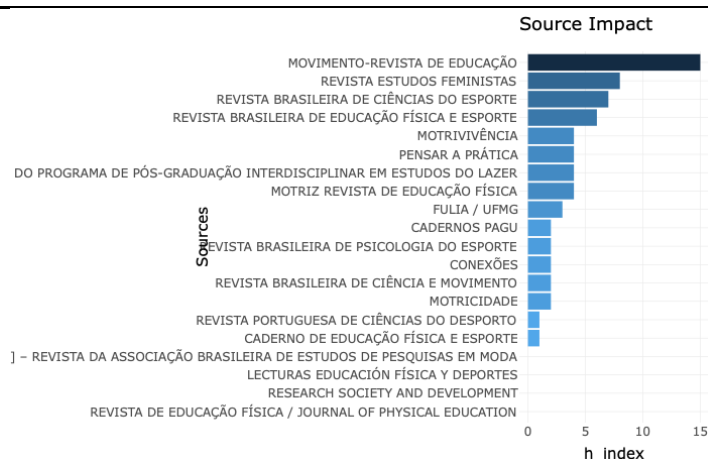
Figura 5 – Ranking através do total de citações



Fonte: Gerado pelo Biblioshiny a partir de pesquisa das autoras

Figura 6 – Ranking através do h-index





Fonte: Gerado pelo Biblioshiny a partir de pesquisa das autoras

É importante fazermos também uma breve análise dos periódicos de destaque nessas três figuras. São eles: *Movimento*, *Fulia*, *Revista Estudos Feministas*, *Motrivivência* e *Pensar a prática*. Juntos eles publicaram, respectivamente, 48, 20, 18, 17 e 13 artigos. Ressaltamos que as informações sobre os periódicos foram apreendidas a partir dos seus próprios sites e, para a checagem da classificação Qualis, recorreremos aos últimos dados disponíveis na plataforma Sucupira. Um achado de pesquisa é a apreensão do caráter interdisciplinar dos artigos aceitos pelos periódicos.

A *Movimento - Revista de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação e da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense* nasce de um boletim criado em 1970 para informar o corpo docente, discente e administrativo sobre a Reforma Universitária do ano de 1968. Se tornou uma revista em 1971, mas é somente no ano de 2014 que seu nome é alterado para o atual. É um periódico eletrônico de acesso livre, com periodicidade trimestral que aceita manuscritos em português, espanhol, inglês, francês e italiano. É dirigida a profissionais da educação e discentes das áreas das Ciências Humanas e da Educação. Na classificação Qualis Periódicos (2013-2016), é considerada B5 para Comunicação e Informação, B4 para Educação e B5 para Interdisciplinar.

A *FuLiA - Revista sobre futebol, linguagem, artes e outros esportes*, é um periódico da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. É uma revista eletrônica, quadrimestral que aceita textos em português, espanhol, inglês, francês, italiano e alemão. Sua fundação foi realizada por Elcio Loureiro Cornelsen e Gustavo Cerqueira Guimarães e vinculada ao Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes

---

da mesma faculdade. Tem como objetivo publicar textos que relacionam esportes com os estudos da linguagem, das artes e das mídias. Não encontramos a classificação do periódico no Qualis (2013-2016), mas, de acordo com o site da revista, a classificação provisória é A4 (sem área determinada).

A *Revista Estudos Feministas* foi criada em 1992, sendo inicialmente vinculada a Coordenação Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A partir de 1999, passa a ser editada na Universidade Federal de Santa Catarina e, atualmente, está vinculada ao Instituto de Estudos de Gênero da universidade. Publica artigos que abordam temáticas sobre questões de gênero, de feminismos e de sexualidades. É um periódico quadrimestral de acesso livre, que aceita textos em português, espanhol e inglês. Na classificação Qualis Periódicos (2013-2016), é considerada A2 para Comunicação e Informação, A1 para Interdisciplinar, A1 para Educação e B3 para Educação Física. Cabe destacar que o comitê editorial decidiu por utilizar o feminino como padrão para as informações no site da revista, nas sessões de normas e políticas editoriais, como uma ação afirmativa e de valorização.

A *Motrivivência* é um periódico criado em 1988 pelo Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFSC), mas vinculada desde 1994 ao Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina em formato impresso. Desde 2007, é publicada apenas em formato digital no Portal de Periódicos da UFSC. É um periódico trimestral de acesso livre, do campo da Educação Física, com foco na publicação de artigos que abordam temáticas sobre a cultura corporal em sua interlocução com as ciências humanas e sociais. Na classificação Qualis Periódicos (2013-2016), é considerada B5 para Comunicação e Informação, B2 para Educação Física e B4 para Interdisciplinar.

A *Pensar a prática* foi criada em 1998 pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás, e publica artigos do campo da Educação Física em articulação com as Ciências Humanas e Sociais. É um periódico trimestral de acesso livre e, desde 2009, é publicado apenas no formato eletrônico. Na classificação Qualis Periódicos (2013-2016) é considerada B4 para Comunicação e Informação, B2 para Educação Física e B2 para Interdisciplinar.

## Tópicos dos artigos

A análise de conteúdo quali-quantitativa foi feita por duas codificadoras, em três rodadas, com a indução dos tópicos a partir dos próprios trabalhos. Os códigos foram sendo atribuídos e aglutinados (de uma rodada para a outra), na tentativa de chegarmos a um número ótimo de temas. Fizemos a opção de codificar cada artigo, se necessário, com mais de um tópico, de tal forma que a soma total totaliza mais do que os 188 artigos. Também codificamos manualmente a modalidade que é o foco do artigo. Apresentamos abaixo os resultados dessas duas categorias: Tabela 1 (temas) e Tabela 2 (modalidades em foco).

Tabela 1– Temas

Tema	Ocorrências
mídia esportiva	26
meta-pesquisa	14
trajetórias/empecilhos	28
trajetórias/engajamento	9
políticas públicas	14
atletas transgênero	2
representatividade	8
arbitragem	2
comissão técnica	7
líderes	3
corporalidades	22
sexualidade	19
representação	29
masculinidades	11
feminilidades	17
educação escolar	23
história das mulheres	18
torcedoras e torcedores	10
interseccionalidades	7
subjetividades	8
violência	3
resistências	20
sociabilidade	8
artes e esporte	9
uniformes e trajes	4
reflexão epistemológica	3
outros	6

Fonte: Elaborado pelas autoras

Tabela 2– Modalidades em foco

Modalidade	Ocorrências
futebol/futsal	59
voleibol	8
natação	5
atletismo	3
lutas	10
ginástica artística	3
esportes equestres	3
surfe	5
N/E	67
outros	17

Fonte: Elaborado pelas autoras

---

Os principais tópicos explorados em nosso corpus são: representação e estereótipos (29), trajetórias/empecilhos no esporte (28), mídia esportiva (26), educação escolar (23) e corporalidades (22). Nos chama atenção, como pesquisadoras da Comunicação, a presença bastante marcante do tópico “mídia esportiva”, já identificada como predominante por Deive e colegas (2011), mesmo com a baixa presença de pesquisadores da Comunicação com atuação nesta área. Percebemos, inclusive, que a maior parte desses estudos é desenvolvida por pesquisadores de outras áreas, notadamente da EF.

Sobre os tópicos pouco explorados, identificamos três que nos são caros para pensar as questões de gênero e o esporte: reflexões epistemológicas, interseccionalidade e violência. Respectivamente, em números, eles são: três, sete e três.

Compreendemos “reflexões epistemológicas” como aqueles artigos que tem como objetivo apresentar novos caminhos para se olhar para as questões de gênero e o esporte. Em “*Futebóis–da horizontalidade epistemológica à diversidade política*”<sup>6</sup> há uma recuperação do conceito de “futebóis” e uma apresentação das perspectivas para seu uso, como próxima a política e para se pensar em novas formas da prática. Em “*Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico*”<sup>7</sup> apreendemos as contribuições teóricas dos estudos feministas e de gênero para as pesquisas historiográficas que abordam mulheres e o esporte. Em “*Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas*”<sup>8</sup> é abordado se há novas produções de sentido para se pensar o futebol, e a presença de mulheres no esporte, a partir da perspectiva de gênero.

Interseccionalidade é um termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989, 1990, 2002) para pensar nas múltiplas opressões e marcadores sociais que recaem sobre os sujeitos – para ela, especialmente, sobre mulheres negras. Para categorizar os artigos neste tópico, consideramos aqueles que apresentam, ainda que minimamente, articulações sobre o esporte para além do marcador de gênero. Entretanto, cabe ressaltar que a maior parte deles não traz o termo interseccionalidade ou Crenshaw em suas referências.

---

<sup>6</sup> DAMO, A. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. FuLiA / UFMG. Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2018.

<sup>7</sup> GOELLNER, S. V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. Movimento. Porto Alegre, v.13, n.02,p.171-196, 2007.

<sup>8</sup> LOVISOLO, H.; SOARES, A. J.; BARTHOLO, T. L.. Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas. Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 03, p. 165-191, 2006.

---

O artigo “*Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol*”<sup>9</sup> apresenta uma análise de como alguns termos utilizados, em cantos de torcidas do futebol, são problematizados a partir de quatro partidas do Grêmio em 2014. A partir de duas atletas negras, em “*Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras*”<sup>10</sup>, há uma abordagem sobre a presença e participação das mulheres no esporte. Em “*Judô paraolímpico: comparações e reflexões sobre as realidades de diferentes seleções femininas*”<sup>11</sup> os autores fazem entrevistas com atletas mulheres com deficiência para entender as interlocuções entre os dois marcadores.

O artigo “*Uniformes esportivos de mulheres no futebol: convenções, subversões e distinções no vestuário*”<sup>12</sup>, ao contrário dos anteriores, traz em suas referências Kimberlé Crenshaw e outras intelectuais que abordam as opressões cruzadas que recaem sobre diversos sujeitos, principalmente raça e gênero, como Lélia Gonzalez e bell hooks. Além disso, parece-nos que, ao abordar a temática das roupas esportivas utilizadas por jogadoras de futebol no Brasil, traz também os marcadores sociais para a análise.

Em “*Resiliência: uma possibilidade de adesão e permanência na prática do futebol feminino*”<sup>13</sup>, os autores investigam as possibilidades de resiliência de meninas que praticam futebol, através de um grupo de classe baixa em Viçosa-MG. O artigo “*Apresentadora, torcedora ou jogadora: Fernanda Gentil, Larissa Riquelme e Marta nas representações das mulheres pelo jornalismo esportivo*”<sup>14</sup> debate questões de gênero, com viés racial e de sexualidade, a partir da abordagem midiática que envolve três mulheres do mundo do esporte, uma apresentadora, uma torcedora e uma jogadora. Em “*Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer*

---

<sup>9</sup> Bandeira, G. A.; Seffner, F. *Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol*. Movimento. Porto Alegre, v. 22, n. 3, p.985-998, 2016.

<sup>10</sup> FARIAS, C.M. *Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 19, n. 3, 392, p.911-929, 2011.

<sup>11</sup> GOMES, M. S. P.; MORATO, M. P.; ALMEIDA, J. J. G. *Judô paraolímpico: comparações e reflexões sobre as realidades de diferentes seleções femininas*. Conexões. Campinas, v. 9, n. 2, p. 85-109, 2011.

<sup>12</sup> KESSLER, C.S.; ALVES, F.O. *Uniformes esportivos de mulheres no futebol: convenções, subversões e distinções no vestuário*. dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 12, n. 27, p. 13–30, 2019.

<sup>13</sup> BORGES, C. N. F.; LOPES, S. M.; ALVES, C. A.; ALVES, F. P. *Resiliência: Uma Possibilidade de Adesão e Permanência na Prática do Futebol Feminino*. Movimento. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 105-131, 2006.

<sup>14</sup> NEVES, T. *Apresentadora, torcedora ou jogadora: Fernanda Gentil, Larissa Riquelme e Marta nas representações das mulheres pelo jornalismo esportivo*. FuLiA / UFMG, v. 4, n. 1, 2019.

---

*historiográfico*” há uma revisão epistemológica que traz novos olhares para se pensar a categoria mulher como plural e não mais como universal.

O último tema com pouca ocorrência e que gostaríamos de destacar é o da violência. Devide e colegas (2011) já haviam identificado esta temática como uma lacuna nas pesquisas sobre gênero e esporte no Brasil. Nos chama atenção, nesse caso, a vasta literatura sobre o assunto no âmbito internacional, com publicações desde a década de 1980 que vão relacionar, por exemplo, violência e masculinidades hegemônicas no esporte (Crosset, 2000). Alguns temas explorados nessa literatura incluem: a violência de atletas contra mulheres (Crosset, 2000; Messner & Stevens, 2002); a relação do consumo de esportes televisionados com a violência doméstica (Sabo et al, 2000); a violência em bares e outros espaços de sociabilidade esportiva (Curry, 2000); e a cobertura midiática sobre casos de violência de gênero no esporte (Messner & Solomon, 1993; Toffoletti, 2007).

Em “*Gênero e violência simbólica em eventos esportivos universitários paulistas*”<sup>15</sup> os autores apresentam como as violências de gênero são constituídas e propagadas, a partir de eventos esportivos das faculdades do estado de São Paulo. Tendo como o futebol e os torcedores de times como objeto, em “*Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social*”<sup>16</sup>, se busca compreender a construção das subjetividades masculinas, a violência está ligada a socialização. Por fim, em “*Léa Linhares e o judô no Rio Grande do Sul na década de 1960*”<sup>17</sup>, é analisada a presença das mulheres no judô praticado no Rio Grande do Sul na década de 1960, a autodefesa do esporte se relaciona a violência.

### **Considerações finais**

Após concluirmos as análises propostas neste trabalho, podemos fazer algumas considerações importantes sobre a produção acadêmica de gênero e esporte no Brasil. Embora seja um tema que passou a ser estudado no fim dos anos 1980 (Devide et al 2011),

---

<sup>15</sup> MICHETTI, M.; METTENHEIM, S. L. V. Gênero e violência simbólica em eventos esportivos universitários paulistas. Cadernos Pagu. Campinas (UNICAMP), v. 56, p. 1-29, 2019.

<sup>16</sup> FREITAS, M.A. Futebol e construção da subjetividade masculina: leituras da psicologia social. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte (RBPE), v. 1, n. 1, 2007.

<sup>17</sup> Pimentel, G. G.A.; Goellner, S. V. Léa Linhares e o judô no Rio Grande do Sul na década de 1960. Motrivivência. Florianópolis, v. 29, n. 50, p.123-139, 2017.

---

com aproximadamente 40 anos de pesquisas na área, ainda existem espaços a serem preenchidos, principalmente no que se refere a falar de epistemologias, interseccionalidade e violência. Isso porque as ocorrências dessas temáticas no corpus analisado foram baixas e as consideramos muito relevantes para os estudos de gênero e esporte no Brasil.

Em contrapartida, algumas temáticas foram mais exploradas, como representação e estereótipos, trajetórias/empecilhos no esporte, mídia esportiva, educação escolar e corporalidades. Ademais, a mídia esportiva está entre os temas mais recorrentes, mas há poucos trabalhos e pesquisadores que sejam de fato da Comunicação. Tal afirmação se comprova tanto pelos pesquisadores mais influentes, que são todos da área da Educação Física, quanto pelos principais periódicos apontados no grupo de artigos analisados.

### Referências bibliográficas

CRENSHAW, K.. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **The University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, K.. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stan. L. Rev.**, v. 43, p. 1241, 1990.

CRENSHAW, K.. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, ano 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CROSSET, Todd. Athletic affiliation and violence against women: Toward a structural prevention project. **Research on men and masculinities Series**, v. 13, p. 147-161, 2000.

CURRY, Timothy Jon. Booze and bar fights: A journey to the dark side of college athletics. **Research on men and masculinities series**, v. 13, p. 162-175, 2000.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz: Revista de Educação Física**, v. 17, p. 93-103, 2011.

MESSNER, Michael A.; SOLOMON, William S. Outside the frame: Newspaper coverage of the Sugar Ray Leonard wife abuse story. **Sociology of Sport Journal**, v. 10, n. 2, p. 119-134, 1993.

MESSNER, Michael A.; STEVENS, Mark A. Scoring without consent: Confronting male athletes' violence against women. **Paradoxes of youth and sport**, p. 225-239, 2002.

SABO, Donald; GRAY, Philip M.; MOORE, Linda A. Domestic Violence and Televised Athletic Events: "It's a Man Thing". **Research on men and masculinities Series**, v. 13, p. 127-146, 2000.

TOFFOLETTI, Kim. How is gender-based violence covered in the sporting news? An account of the Australian Football League sex scandal. In: **Women's studies international forum**. Pergamon, 2007. p. 427-438.